

A migração como uma forma de obediência no processo de gênese do Islam

Migration as a form of obedience in the Islam genesis process

Atilla Kus*

Recebido: 02/10/2019

Aprovado: 29/11/2019

Resumo:

A migração é um fator histórico-religioso que se encontra quase em todas as religiões como um fenômeno, em algumas como um marco. A partir dela é que se analisa, historicamente, o crescimento e a difusão de religiões, principalmente as que consideram proselitismo. Principalmente as chamadas religiões monoteístas – Judaísmo, Cristianismo e Islam – a imigração é um meio de libertação e de expansão. O presente trabalho visa estudar o fenômeno migratório no processo gênese do islam como uma forma de obediência ao Transcendente. Por meio de fontes bibliográficas, foram estudadas as bases primordiais da migração e de sua importância no islam. Constata-se a sacralidade da migração no processo inicial do islam como um fator que leva o crente à liberdade da prática de sua fé e seus deveres.

Palavras-chaves: Religião, Migração, Islã e Alcorão.

Abstract:

Migration is a historical-religious factor that founded in almost all religions as a phenomenon, in some as a landmark. With this as a starting point, the growth and diffusion of religions historically analyzed, especially those that consider proselytism. Mainly the so-called monotheistic religions - Judaism, Christianity and Islam - immigration is a means of liberation and expansion. This paper aims to study the migratory phenomenon in the genesis process of Islam as a form of obedience to the Transcendent. Through bibliographic sources, the primordial bases of migration and its importance in Islam studied. The sacredness of migration in the early process of Islam was a factor that led the believer to break free from the practice of his faith and duties.

Keywords: Religion, migration, Islam and Qur'an.

Introdução

No decorrer da história humana a migração foi um fato muitas vezes necessário de acontecer devido a perseguições e falta de liberdades. Em vários casos, tal realidade acontecia devido a obrigações, ou melhor, fatores políticos como guerras entre os estados e a obtenção de pessoas como escravas. Após a entrada da religião no cenário histórico, tal fato se demonstrou através de motivos religiosos, principalmente nas

* Atilla Kus é mestrando no PEPG em Ciência da Religião na PUC -SP e membro do Centro de Estudos das Religiões Alternativas e de Base Oriental no Brasil - CERAL da PUC-SP. ksatlla@gmail.com

religiões chamadas de *matriz abraâmica*. Pois, até o surgimento destas religiões o fato de os povos seguirem a religião do rei ou do dono de território não abria espaço para uma migração religiosa.

Dentro do contexto religioso do islam¹, todos os profetas e mensageiros enviados por Deus emigraram de suas terras natais e deixaram o seu povo para que pudessem praticar a mensagem vinda de Deus e seus deveres livremente. Portanto, até a saída de Noé de sua terra natal, mesmo que seja devido ao dilúvio, seria uma forma de imigração para poder difundir a mensagem divina e praticá-la livre do povo que não o permitia isso e muito menos perdoava a divulgação de tal mensagem.

Neste estudo, discute-se o fator histórico da imigração no viés islâmico com base na imigração de primeiros muçulmanos, ou melhor, primeiros seguidores de profeta Muhammad tanto para a cidade de *Yathrib* quanto para a Abissínia, cujo rei era um cristão justo e respeitoso para com o seu povo (HAYLAMAZ, 2014, p. 354). Para tal, inicialmente, fazemos uma contextualização do cenário pré-migratório de Meca do século VII d.C. Acreditamos que esta contextualização abra uma janela de melhor entendimento para a elaboração do texto.

O processo migratório é, no islam, vastamente centralizado na Ordem Divina e em sua forma verbal no termo *Hijra*, ou em algumas outras transliterações *Hégira*, cuja origem é a palavra *Hájara*. Tendo demasiados significados, a palavra *hijra* principalmente é utilizada para a referência ao ato migratório realizado pelo profeta e seus seguidores. Porém, no decorrer da história islâmica houveram outras ondas migratórias que também foram nomeadas como *hijra* pelo fato de os migrantes estarem procurando um ambiente livre religioso, político e economicamente. Neste ponto, é importante ressaltar que os juristas islâmicos discutem se tais ondas migratórias seriam chamadas de *hijra* ou não (DEMIR, 2016), pois, após a retomada de Meca, o profeta anuncia que não há mais *hijra*, mas sim a intenção (AL-NAWAI, 2014, p. 30). Entretanto, mesmo assim, vemos autores e eruditos que nomeiam certas migrações como *hijra* por motivos de perseguição e suas circunstâncias. Alíás, para o Demir (2016), este fato deve ser repensado e discutido, pois, principalmente considerando a realidade da Síria, pode-se falar de *hijra*.

¹ Islã, islão ou islamismo tendo diferente nomenclaturas a esta religião em português, no texto será referenciado como islam devido a origem linguística.

1. A Concepção do Termo *Hijra*

A palavra *hijra* possui vários sentidos em árabe. O principal significado é imigração. Tal imigração, porém, não é qualquer uma. Avalia-se a imigração como ação é muito bem pensada e tem até, por trás, um fator divino. Esta palavra antigamente era usada para a mudança territorial de beduínos² da área rural para a área urbana (DEMIR, 2016). Porém, com a vinda da mensagem corânica, este termo ganhou vários sentidos tais como; abandonar³, migrar no caminho de Deus⁴ e afastar-se de coisas abomináveis.⁵ Entre tais significados, o principal deles, e o mais *louvável*, é o sentido de imigração pela causa de Deus, atribuindo a estes migrantes jardins do paraíso e o melhor de todas as coisas que tem suas amostras nesta terra.

Além do sentido de imigração física, a palavra *hijra* também significa abstinência, nas palavras de profeta, de mau caráter, das más ações e de tudo que afasta o ser humano de Deus: *O verdadeiro muçulmano é aquele de cuja mão e língua são seguros os outros muçulmanos, e o verdadeiro muhájir (migrante) é aquele que abandona o que Deus lhe proibiu (profeta Muhammad).*⁶

Segundo o profeta, não basta apenas fazer uma migração física, mas sim, abster-se das atitudes e ações que a nós são proibidas. Dentro destas atitudes, consta também a questão de respeitar a segurança do outro. Apesar de ele definir este estado de segurança entre os muçulmanos, um outro relato desta afirmação coloca isso como os outros seres humanos. Isto é, não basta respeitar a segurança apenas de correligionários, mas sim, de outras pessoas ao redor para que seja respeitada a nossa segurança, visando isso outro dito do profeta na questão de ações mútuas quando ele afirma que devemos desejar aos outros o que desejamos a nós mesmos⁷. Portanto, a afirmação citada acima não vale apenas para os correligionários, mas sim, para todos que nos rodeiam.

² Beduínos são as tribos que moram no deserto. Sua renda geralmente é criação de gado. Tais tribos são, em sua maioria, nômades. Em um contexto linguístico, as pessoas que não sabiam se comportar conforme as normas urbanas eram também chamadas de beduíno fazendo referência àqueles que moram na área rural e não sabem as diretrizes do povo urbano.

³ Alcorão Sagrado 25:30; 4:34; 19:46.

⁴ Alcorão Sagrado 2:97; 2:218; 3:195.

⁵ Alcorão Sagrado 74:5.

⁶ an-Nawawî, I. A. (2014, p. 100)..

⁷ Bukharî; îman, 7.

Abandonar as coisas abominadas é muito procurado principalmente pelos sufistas muçulmanos. Pois, para eles, a evolução espiritual começa a partir do momento que o homem emigra do material para o imaterial buscando assim a felicidade. Um dos elementos desta emigração é a chamada prática de *zuhd* que os juristas islâmicos definem como abstenção do mundo material, tal como é definido como *ascetismo*. Por isso, a história islâmica é a testemunha de reis que se afastaram de sua soberania em busca do amor a Deus.⁸ Apesar de ser um ato muito elogiado por muitos estudiosos sufis na história islâmica, Bediuzzaman Said Nursi, erudito turco que viveu no século XX, define tal ascetismo em uma dimensão espiritual e não material, isto é, seguir a vida mundana sem deixar que esta conquiste o coração do fiel (NURSÎ, 2007, p. 221). Embora isto não aconteça numa dimensão material, mas sim, espiritual, é uma forma de migração espiritual. Talvez o melhor entendimento disto seja a teoria de fronteiras de Agier (2015). É claro que, em seu texto, Agier trata de fronteiras físicas, isto é, políticas e naturais. Uma forma destas fronteiras é aquela que temos entre nós como valores, cultura e costumes, e a outra seria a fronteira física que conhecemos entre os estados. Porém, o que tentamos aqui esclarecer é uma fronteira espiritual entre o *eu* e o mundo na busca da evolução espiritual.

Voltando ao conceito de *hijra* em sua forma física, podemos afirmar o seguinte: para muitos juristas, como já indicado, não existe mais *hijra* no mesmo sentido que o profeta e os seus discípulos realizaram, uma vez que o próprio profeta afirma que não há mais tal migração. Porém, ele mesmo afirma que em muitos casos a intenção do fiel é mais válida que sua ação (NAWAWÎ, 2014, p. 30). Portanto, segundo Gulen (2017), tal imigração, dependendo de circunstâncias, ainda poderia ser considerada *hijra* até o fim do mundo, ou seja, enquanto houver um muçulmano no mundo. Pois, ainda hoje em dia, há perseguição intra-islâmica entre os muçulmanos com uma visão mais moderada do islam e os que têm uma visão mais extremista e isso é uma razão de *hijra* mesmo 1440 anos depois da migração de profeta para Medina, assinala Gulen. Já Demir (2016) ressalta, nesta mesma perspectiva, que o caso de migrantes sírios seria uma forma de *hijra*. Portanto, hoje ainda, pode-se falar em *hijra* para definir certas ocasiões de migração.

⁸*İman Nuruyla Dolu Gönüllerde De Kin, Nefret Ve Düşmanlık Duygularinin Bulunması Mümkün Müdür?* (s.d.). disponível em Hikmet.net: <http://hikmet.net> Acesso em 29 de novembro de 2018.

O fator migratório, em outros aspectos, possui uma eficiência no âmbito teológico a ponto de ela ser considerada o início do calendário islâmico. Pois, a partir do momento de imigração é que a religião islâmica começa um processo de difusão na Arábia, isto é, um processo expansivo. Tal difusão, claro, deve muito à realidade de os muçulmanos não serem mais a minoria oprimida, mas sim, uma minoria autônoma e livre que administrava a cidade-estado de Medina por eles fundado, vide o fato que a cidade de Yathrib, que após migração foi chamada de Medina, não possuía uma união decisiva, pelo contrário, as guerras tribais tomavam a conta da cidade (KOKSAL, 2008, p. 63). Então, tanto para os habitantes de Medina quanto para os migrantes de Meca, isso é uma data até festiva. Para isso, o segundo Califa⁹ do islam, Umar ibn. Khattab, definiu a data da migração de profeta como o início do calendário islâmico. Porém, isso não é o início do islam como a religião conhecida hoje. Para os historiadores do islam, o início é o ano 610 d.C, isto é, 1453 anos atrás, levando em consideração que o calendário islâmico está em seus 1440 anos¹⁰.

2. O Período Pré-migratório em Meca e as Causas da Migração

Dix (2017) afirma que o ser humano sempre tem o declínio de creditar em seres sobrenaturais e inteligentes. Portanto, todo povo, em sua história, teve um Deus ou vários deuses em que acreditavam e a que cultuavam. Para os árabes, a mesma teoria vale em diferentes formas como crença em vários deuses (politeísmo), crença em deus único (monoteísmo) e crença em um panteão de deuses (henoteísmo). No caso do período pré-islâmico de Meca, constatamos o henoteísmo em vigor, até devido ao termo *shirk* que significa idolatria e atribuição de parceiros a Deus.

A cidade de Meca era uma cidade central para as tribos árabes que praticavam a religião henoteísta e viviam de comércio. Segundo o Alcorão, quando ainda não existia a cidade de Meca, Abraão levou o seu filho Ismael e sua esposa Hagar e deixou-os no vale de Beca quando Ismael ainda era uma criança pequena. Mais tarde, quando ele cresce, Abraão e Ismael reconstruem a casa chamada Caba e ali os dois são convocados a chamar os povos a fazerem peregrinação à Caba¹¹. O Alcorão denomina este ato como

⁹ Califa ou Khalifa é o nome atribuído aos sucessores de profeta Muhammad. Estes, portanto, representavam o papel político do profeta e não o papel religioso (EFEUGLU, 2017).

¹⁰ A data da redação do texto é 2019.

¹¹ Alcorão Sagrado 2:125

reconstrução, pois, segundo se relata no mesmo, a Caba fora construída quando o primeiro ser humano viera ao mundo e essa fora o primeiro templo sobre a face da terra¹². Portanto desde a ida de Ismael, que não há expectativas de quando foi, a Caba foi o centro de peregrinação para as tribos árabes e o seu cuidado foi uma questão de honra para elas. A partir deste momento, sabe-se que a crença em Deus único (a religião chamada *hanif*) dominava esta península, ou pelo menos a cidade de Meca. Porém, mais tarde o chefe de uma tribo que cuidava de Caba, após uma viagem a Damasco, leva o primeiro ídolo e põe-lo ao lado de Caba para que seja adorado e reverenciado junto a Deus de Caba.¹³ Após esta data, o henoteísmo se difunde na península arábica e se torna a religião da própria península. Porém, apesar de ter a mesma religião, não havia uma governança única na península, pelo contrário, as guerras tribais por questão de honra e de retaliação causavam quedas econômicas e insegurança na península, salvo a região sul que fora dominada pela Abissínia que era um país cristão e unido.

Entre estas confusões sociais e políticos, o islam aparece em Meca através da primeira revelação corânica que acontece em 610 d.C. Enquanto esta primeira revelação ordena o estudo,¹⁴ mencionava também a importância da crença em deus único. Para uma sociedade henoteísta como a de Meca, isto seria um fato abominável. Portanto, na primeira comunicação que o profeta Muhammad fez para os seus familiares, não houve reações receptiva, ao contrário, houve reações ofensivamente negativas (HAYLAMAZ, 2014, p. 204). Junto à mensagem de unicidade de Deus, islam trazia algo que para os árabes significava ser praticado apenas dentro da elite: a justiça e a igualdade. No período islâmico, a escravidão e a opressão contra os mais fracos tornara-se uma tradição ou até uma cultura. Segundo Haylamaz (2014, p. 60), as pessoas estavam sendo classificadas conforme seu poder, o poder de sua tribo e o apoio das demais pessoas poderosas que esta teria. Portanto, as pessoas mais fracas e os pobres compunham a parte mais oprimida, enquanto a outra parte era a opressora. A escravidão de negros da Abissínia era um elemento quase cultural e estes eram vendidos e revendidos nas feiras durante o período de peregrinação junto a outros objetos comerciais.

Por outro lado, mesmo que fossem da elite, as mulheres não tinham direito nenhum e elas sequer estavam em consideração de homens. Neste cenário, observamos

¹² Alcorão Sagrado 3:96

¹³ Mumsema. (2015). *Kabeye Ilk Putu kim Getirdi?* Acesso em 29 de 11 de 2018, disponível em [mumsema.org: https://www.mumsema.org/konu-disi-basliklar/284769-kabeye-ilk-putu-getiren-kimdir.html](https://www.mumsema.org/konu-disi-basliklar/284769-kabeye-ilk-putu-getiren-kimdir.html)

¹⁴ Vide os primeiros 5 versículos da surata 96 do Alcorão.

também a mulher ser um motivo de desonra e vergonha¹⁵. Portanto, elas eram desprezadas e revendidas como escravas. Com a vinda do islam com a mensagem de justiça e igualdade, as classes oprimidas da sociedade se apropriaram desta nova religião e isso, pois, causou uma revolta passiva dos escravos contra os seus respectivos *donos*. Quanto à revolta, não se observa uma revolta exata, mas sim, demandas a esta nova religião e não abrir mão dela apesar de estes respectivos donos ordenarem. Isto, claro, teve uma resposta imediata de donos com repressão, tortura e até mortes. Tais repressões não acontecia apenas aos escravos que pertenciam a algum rico, mas também aos mais pobres e marginalizados.

A elite de Meca não aceitava nenhuma alternativa que pudesse substituir as divindades deles. Pois, tais divindades não eram apenas deuses, mas sim, também meios de renda para a cidade, vide o trecho em que mencionamos a questão de peregrinação e feiras comerciais. Portanto, a crença em um deus só e a abolição de suas divindades, aliás, a questão de justiça e igualdade seria uma desvantagem para eles, uma vez que teriam que fazer os serviços que os escravos exerciam. Por isso aceitar esta realidade era abominável para eles e apenas ajudou-os a aumentar a opressão e causou uma onda migratória de Meca à Abissínia e Medina.

3. Os Fundamentos da Migração no Alcorão e a Ordem

A religião islâmica é uma religião que, em termos jurídicos da doutrina, propõe condições para que o fiel possa praticar os seus preceitos. Uma destas condições é a liberdade em todas as suas dimensões, seja ela liberdade de expressão, de crença ou em qualquer outro aspecto (CONSELHO, 2011). Portanto, para os seguidores de profeta Muhammad e para ele mesmo, apesar de ter apoio de seu tio que era chefe de Meca, e como havia ali a obrigação de fazer as preces e, além do mais, havia perseguições enormes contra eles, houve a ideia de emigrar de Meca. Próprio Alcorão chega com uma revelação ordenando a imigração, seja ela para onde for condicionando a questão de liberdade:

Dize (citando-Me): Ó servos Meus que acreditam! Mantende-vos afastados da desobediência a vosso Senhor, em reverência por Ele e piedade. Para aqueles que se dedicam a fazer o bem neste mundo,

¹⁵ Alcorão 16:58.

conscientes de que Deus está-os vendo, há algo de bom (por meio de recompensa). E a terra de Deus é vasta (permitindo adoração). Aqueles que são pacientes (perseverantes na adversidade, adorando a Deus, e abstendo-se de pecados) certamente será dada a sua recompensa sem medida. (Alcorão 39:10).

Conforme relata Haylamaz (2014, p. 353), este versículo menciona a liberação da emigração ao dizer que “a terra de Deus é vasta”. Já Unal (2015, p. 1005) ressalta que o versículo acima mencionado mostra a importância da emigração pela causa de Deus e é uma fonte encorajadora para os fieis imigrarem. Na continuidade de seu relato, Haylamaz menciona também o incentivo de profeta para a emigração apontando a um país que talvez ser-nos-ia surpreendente: Abissínia.

A Abissínia nesta época era um país dirigido por um rei cristão, segundo profeta, muito justo e respeitoso para com as liberdades (HAYLAMAZ, 2014, p. 354). Portanto, a primeira onda migratória é realizada para a Abissínia em 615, no 5º da primeira revelação. Uma vez mencionado, neste versículo, a imensidão da terra, em outro versículo o Alcorão informa que aqueles que apesar de necessidade, não emigrarem serão questionados por não obedecerem a uma ordem divina¹⁶. Portanto, neste ponto, aquele que não pratica os preceitos da religião por questões de liberdade ainda é responsável, se for possível, pela emigração a um lugar onde este possa viver a sua fé livremente: *Ó Meus servos que acreditam (mas são impedidos de viver de acordo com a vossa crença)! Minha terra é ampla, por isso adorai somente a Mim* (Alcorão 29:56).

Este versículo, nas entrelinhas, aponta à importância de adoração e da liberdade para que ela possa ser praticada. Visto que tal adoração é obrigatória no islam, a emigração, enquanto possível, se torna necessária para o fiel e realizá-la uma forma de obediência à Deus.

4. As Primeiras Emigrações

Como já mencionado anteriormente, a religião islâmica dá preferência às liberdades e para tal, convoca os próprios muçulmanos a respeitar a liberdade de outros. Como parte da busca de liberdade devido à perseguição em Meca, a primeira onda de muçulmanos foi à Abissínia, país cujo rei era um cristão devoto e sábio, 5 anos após a primeira revelação. Diferente de qualquer uma emigração, a *hijra* foi decidida depois

¹⁶ Alcorão 4:97

longos tempos pensando e tentando amadurecer esta ideia, uma vez que os próprios profetas não imigraram até que lhes chegasse uma ordem divina. Portanto, era necessário que houvesse a ordem de Deus para que tal migração chegasse à realização. O primeiro versículo que ordena a imigração é o versículo 10 da surata¹⁷ 39:

Dize (citando-Me): Ó servos Meus que acreditam! Mantende-vos afastados da desobediência a vosso Senhor, em reverência por Ele e piedade. Para aqueles que se dedicam a fazer o bem neste mundo, conscientes de que Deus está-os vendo, há algo de bom (por meio de recompensa). E a terra de Deus é vasta (permitindo adoração). Aqueles que são pacientes (perseverantes na adversidade, adorando a Deus, e abstendo-se de pecados) certamente será dada a sua recompensa sem medida.

Apesar de mencionar a importância da emigração, este versículo visa à perseverança fazendo referência às dificuldades que possam ser encaradas durante as viagens. Pois, apesar de dificuldades físicas da caminhada até o porto de *Jiddah*¹⁸ cruzando o deserto, havia também a perseguição de coraixitas¹⁹ tentando impedir a viagem de fieis (KOKSAL, 2008, p. 366). Portanto, era necessário ter paciência diante de dois “inimigos”: o deserto e os coraixitas. Ainda no mesmo ano, aqueles que imigraram para a Abissínia retornaram a Meca e pouco tempo depois, uma segunda onda de migrantes muçulmanos saiu em direção à Abissínia. Desta vez, segundo Koksál (2008, p. 380), os coraixitas não se satisfizeram apenas seguindo-os até o porto de *Jiddah*, mas indo atrás deles até a Abissínia. Porém, apesar de *Amr ibn. Âs*, que mais tarde se tornaria muçulmano, ser muito próximo do rei de Abissínia, *Najashî al-As-ham*, o pedido dele para que os muçulmanos fossem deportados foi negado, pois, ele foi convicto de que os muçulmanos sofriam perseguição e garantiu a eles que podiam praticar a sua fé livremente (KOKSAL, 2008, p. 391).

Conforme a citação dos historiadores, a primeira onda de migrantes muçulmanos continha 17 pessoas composta por 12 homens e 5 mulheres, entre eles o genro do profeta e o terceiro califa do islam *Usman ibn Afwan* e sua esposa *Ruqayya*, a filha de profeta. Nas palavras de profeta, *Usman* e sua esposa seriam a segunda família que imigraram juntos depois de *Ló* e sua família (KOKSAL, 2008, p. 365). Após ficar pouco tempo na Abissínia, este primeiro grupo retornou a Meca, pois os coraixitas

¹⁷ Surata ou sura: é o nome dado a cada um de 114 capítulos/livros dentro do Alcorão.

¹⁸ Jiddah é uma cidade de litoral da atual Arábia Saudita que possui um porto.

¹⁹ Coraixita é a denominação dos membros da principal tribo de Meca, Coraix/Coraish.

havam espalhado os rumores de que o profeta e seus seguidores estavam em paz naquele momento e que havia um tratado entre eles e os muçulmanos, o que segundo os historiadores era uma notícia falsa para fazer com que aqueles que fugiram voltassem. Já o segundo grupo de migrantes possuía um número maior que ficaria na Abissínia definitivamente liderado por *Já'raf ibn Abi Tálib*, que era primo do profeta. O número de pessoas que nesta ocasião emigraram é 39, sendo 33 homens e 6 mulheres (KOKSAL, 2008, p. 372). Embora algumas destas pessoas tenham ido à Medina, depois da imigração de profeta, não há registros de que todos tenham retornado.

5. As Migrações para Medina

Enquanto os muçulmanos buscavam um novo caminho pela liberdade, o profeta Muhammad estava em busca de pessoas a quem ele pudesse transmitir a sua mensagem. Por isso, no 11º ano da revelação, durante o período de peregrinação e feiras, o profeta se encontrou com alguns habitantes de *Yathrib* que quiseram ouvir o que ele queria transmitir a eles. Segundo os historiadores o número destas pessoas era 12 (KOKSAL, 2008, p. 583). Estes, durante esse encontro, se converteram a esta nova religião e se comprometeram a retornar no próximo ano. Depois que se converteram à religião eles pediram um professor que lhes ensinasse a religião e este professor fora *Muaz ibn. Umair*, que era um jovem da elite coraixita até se converter à religião islâmica. Após a sua conversão, ele foi expulso da família e viveu longos anos ao lado de profeta aprendendo a religião. Este encontro e compromisso ficou registrado como o 1º Encontro de *'Aqaba*²⁰, que no ano seguinte aconteceria com a participação de 72 pessoas. No segundo encontro, no 12º ano após revelação, estas pessoas convidaram o profeta e os seus seguidores para Medina comprometendo-se com a segurança e a sustentação deles querendo compartilhar os seus bens (KOKSAL, 2008, p. 606). Portanto, a partir deste momento inicia-se uma onda de migração para Meca em grupos até que no 13º ano da revelação profeta Muhammad e seu companheiro e primeiro sucessor *Abû Bakr* também emigraram de Meca.

Apesar de querer muito continuar em Meca, profeta Muhammad e seus seguidores tiveram que emigrar de lá devido às perseguições. Logo após esta migração,

²⁰ Aqaba era o lugar onde eles se encontraram.

observa-se uma fase pacífica em que o islam teria espaço para expansão, apesar de que isto não seja a finalidade da migração.

Conclusão

Através da pesquisa bibliográfica que fizemos, concluímos que a migração, para o islam, é um ato fundamental quando se trata de um ambiente em que a prática da religião esteja em prejuízo, isto é, em termos mais contemporâneos, quando a liberdade religiosa está em decadência para os muçulmanos. Tais prejuízos não são limitados ao âmbito religioso, mas sim, se expande ao âmbito vital também, pois, para o islam, a vida humana é mais importante do que a prática da religião: para que a segunda seja realizada, a primeira é necessária.

Neste aspecto, compreende-se que a migração se faz necessária e se torna em um ato de obediência a Deus para cumprir os deveres do ser humano para com Ele, visto que o islam propõe a ideia de liberdade para que certos preceitos obrigatórios sejam realizados – como, por exemplo, a oração semanal que se faz às sextas-feiras. Embora tais preceitos tenham sido estabelecidos, de modo geral, no período pós-migratório, a questão da preservação da vida dos fiéis põe claramente que, pela busca de continuidade da vida, a migração se faz obrigatória desde que haja possibilidades de fazê-la. Pode-se dizer que, com base nos versos corânicos anteriormente mencionados, a crença no Dia do Juízo Final e na prestação de contas sobre onde se passou a vida e como ela foi aproveitada e preservada da maneira que Deus exige faz com que os muçulmanos concebam a migração como uma obediência para continuidade da vida, da geração e obtenção da liberdade para a prática da religião.

Referências bibliográficas

- AGIER, M. (2015). *Migrações, descentramento e cosmopolitismo*. Maceió-São Paulo: Edufal-Unesp.
- an-NAWAWÍ, I. A. (2014). *O Jardim dos Virtuosos (Riadh-us-Sálihín)*. (S. al-Hayek, Trad.) São Paulo: FAMBRAS.
- CONSELHO . (2011). *Bir Müslümanın Yol Haritası/A Guia para Muçulmano*. Istanbul: Isik.
- DEMIR, M. (2016). Bir Itaat Eylemi Olarak Islam'da Hicret ve Muhacirler. *Ilahiyat Akademi Dergisi*, 159-183.
- DIX, S. (2017). O Que Significa o Estudo das Religiões: Uma Ciência Monolítica ou Interdisciplinar? *In Revista Lusófona de Ciência da Religião*, 11-31.

- ERIS, S. (2009). *Um Compêndio Sobre o Islam: Crença e Prática*. New Jersey: Tughra Books.
- HAYLAMAZ, R. (2014). *The Sultan of Hearts: Prophet Muhammad I*. New Jersey: Tughra Books.
- HAYLAMAZ, R. (2014). *The Sultan of Our Hearts: Prophet Muhammad II*. New Jersey: Tughra Books.
- KOKSAL, M. A. (2008). *Islam Tarihi I*. Istanbul: Isik.
- NURSÎ, B. S. (2007). *Mektûbat (As Cartas)*. Sahdamar: Istanbul.
- UNAL, A. (2015). *Alcorão Sagrado com Interpretação Anotada*. New Jersey: Tughra Books.

Referências Digitais

- EFEUGLU, S. (2017). *21. YÜZYILDA HALİFELİK YENİDEN CANLANDIRILABİLİR Mİ?* disponível em TR7/24: <http://www.tr724.com/21-yuzyilda-halifelik-yeniden-canlandirilabilir-mi-dr-serdar-efeoglu-yazdi>. Acesso em 29/11/2018.
- GULEN, F. (2017). *Hicret ve Mukaddes Goç*, disponível em herkul.org: <http://www.herkul.org>. Acesso em 29/11/2018.
- HIKMET.NET*. (s.d.). disponível em <http://hikmet.net/iman-nuruyla-dolu-gonullerde-de-kin-nefret-ve-dusmanlik-duygularinin-bulunmasi-mumkun-mudur>. Acesso em 29/11/2018
- MUMSEMA. (2015). *Kabeve İlk Putu kim Getirdi?* disponível em <https://www.mumsema.org/konu-disi-basliklar/284769-kabeve-ilk-putu-getiren-kimdir.html>. Acesso em 29/11/2018,